

A Lua, o Sol e a Virgem

Fotos: Ana Dubeux/CB/DA PRESS



Juliane Couto e a filha Julieta viveram dias incríveis no México

Não há como desvendar Guadalupe sem regressar aos primórdios da civilização mexicana. É em meio ao sincretismo que nasce e cresce a devoção à Guadalupe. Quando chegaram ao lugar prometido, em 1.352, os astecas ergueram um Teocali (morro sagrado), um templo dedicado ao Deus da Chuva e ao Deus do Sol. Os astecas eram politeístas. Não acreditavam no bem e no mal. Para ele, Sol e Lua eram inimigos.

Diz a lenda católica que Deus criou o mundo em seis dias e, no sétimo, descansou. "Na lenda de origem mexicana, um coelho foi jogado na cara da Lua e lá ficou. No sexto dia, o Sol perdeu o brilho e virou Lua. Há uma coisa interessante: quando temos lua cheia no México, parece que vemos o Coelho no centro da Lua", conta o guia José Madrigal.

As lendas se misturam. "Teologicamente e filosoficamente, tem um simbolismo muito poderoso, que se tornou um sincretismo, uma mistura da religião mexicana com a religião católica. E é essa mistura viva que vamos encontrar na imagem de Nossa Senhora de Guadalupe", conta.

A primeira aparição ocorre uma década depois da invasão espanhola e da derrocada do Império Asteca. Era um tempo de depressão e de muitas violências, em especial contra a população indígena. É nesse contexto que Maria aparece a Juan Diego, apresenta-se como a "Mãe do verdadeiro Deus".

Nossa Senhora usa palavras acolhedoras e carinhosas ao se dirigir ao indígena: "Juanito, o mais novo dos meus filhos, você sabe quem eu sou?". "Não", disse Juanito. "Eu sou a Virgem Maria, Mãe de Deus e desejo que aqui seja construído um templo para dar todo o meu amor e remediar as tristezas e dores", disse.

Diante da descrença dos superiores da Igreja, Nossa Senhora mandou um sinal, fazendo nascer,



Antônio e Lourdes: o toque brasileiro na peregrinação

em pleno inverno, rosas perfumadas. Juan Diego as colheu e as colocou no seu manto para levar como prova ao bispo. Quando o abriu diante do bispo, para mostrar as flores, apareceu, no tecido, a imagem de Maria, representada como uma jovem indígena. Por isso, os fiéis a chamaram "Virgem Morena". O nome Guadalupe é de origem árabe. Alguns estudiosos dizem que significa "aquela que esmaga a cabeça da serpente".

O rosto da Virgem sintetiza muitos povos. No manto, Ela está na frente do Sol, pisa na Lua e suas vestes têm as imagens de 15 constelações. O cabelo não está com tranças, como tinham as mulheres casadas, então ela é vista como Virgem. Existe uma única flor de quatro pétalas, que representa divindade, em seu ventre. Uma fita preta na barriga indica que está grávida. O quadro está envolto em nuvens, o que indica uma manifestação divina.

O manto azul é adornado com estrelas em dourado, cor que apenas o imperador podia usar, então ela foi imediatamente vista como uma rainha. O sapato apoiado na Lua leva a impressão de que a Virgem está dançando. Os astecas dançavam quando se encontravam com as divindades. Então, foi interpretado como se ela estivesse em oração. O broche no pescoço tem uma cruz, algo que os indígenas já usavam e, com a Virgem, era um sinal de que "não precisavam mais se sacrificar".

Com todos os símbolos, a tilma passou a representar um novo momento de esperança aos oprimidos. O manto (ou tilma) convenceu até os mais incrédulos. Nos sete anos após as aparições, 8 milhões de nativos converteram-se à fé católica. Juan Diego dedicou sua vida a cuidar do templo erguido no Tepeyac. Foi beatificado em 1990 e canonizado pelo papa João Paulo II em 2002. Assim como o papa João Paulo II, o papa Francisco foi profundo devoto da Virgem de Guadalupe.